



ESCOLA BASE: UMA VERGONHA PARA A MÍDIA

“Não acredito mais em direitos humanos”, desabafa Ayres Shimada. Nem ele e sua mulher, Aparecida, conseguem esquecer os fatos que despedaçaram suas vidas e as de quatro outras pessoas em março de 1994. Foram vítimas da irresponsabilidade da polícia e da imprensa, que aceitaram como verdadeiras as acusações de abuso sexual na Escola Base feitas por duas mães de alunos — as acusações eram infundadas e foram arquivadas quatro meses depois. O estrago na vida dos Shimada e de uma sócia, seu marido e um casal de pais de alunos estava feito.

Denunciado por duas mães de alunos, o casal Shimada foi detido e espancado no 6º Distrito Policial de São Paulo. Daí para as páginas dos jornais foi um pulo, graças ao delegado Edelson Lemos. Sedento por alguns minutos de fama, o policial alimentou os erros da imprensa insinuando que as acusações eram verdadeiras. Mas a única prova era inconsistente: o laudo inconclusivo da perícia realizada num aluno pelo Instituto Médico Legal (IML).

A imprensa colaborou. A Escola Base, que o casal Shimada havia comprado três anos antes, virou a Escolinha do Sexo. Shimada e Aparecida viram seus rostos estampados em jornais e telejornais de todo o país como criminosos. A escola sofreu atentados a bomba e foi depredada por vizinhos.

Por falta de provas, o caso foi arquivado. Ainda que timidamente, a imprensa se desculpou pelos erros. A Escola Base virou exemplo de mau jornalismo. Ayres e Aparecida Shimada quase não saem de casa. Aparecida toma tranquilizantes e antidepressivos e faz tratamento psiquiátrico. Ayres, de vez em quando, toma comprimidos para dormir.